

POEMAS

Zila Mamede (*)

RETRATO DE MINHA MÃE COSTURANDO (*)

A máquina move
bobinas fios
a máquina fixa
flor e atavios

Corra essa correia
de couro curtido
da roda ao pedal
como um desafio

Dance a inquieta agulha
em louco vaivém
cuteio e fagulha
de calor, de bem

A máquina e
o veio:
Aranha a tecer
varizes inchadas
longo anoitecer

A máquina e
o tempo:
luz de lampião
pedal madrugada
cheiro quente: o pão

A máquina e
as linhas:
branco em carretel
chama de pavio
na fumaça:
o mel

* Poeta — Natal — RN

A máquina e
o berço:
filho vai nascer
perna pedalando
filha a adormecer

A máquina:
morna tessitura
de lençóis-colchões
dentes e cangalhas
presos nos mourões

A máquina:
texto-documento
na execução
de mortalhas: anjos
em azul de caixão

A máquina:
trapézio de infância
caos da adolescência
vestida sem rendas:
Lúcida indigência

A máquina:
lúdico artefato
de abstrato museu
(a avó, a bisavó)
do tempo hoje meu.

BOIS DORMINDO (1)

A paz dos bois dormindo era tamanha
(mas grave era a tristeza de seu sono)
e tanto era o silêncio da campina
que se ouviam nascer as açucenas

No sono os bois seguiam tangerinos
que abandonando relhos e chicotes
tangiam-nos serenos com as cantigas
aboiadeiras e um bastão de lírios.

Os bois assim dormindo caminhavam
destino não de bois mas de meninos
libertos que vadiassem chão de feno;

E ausentes de limites e porteiras
arquitetassem sonhos (sem currais)
nessa paz outonal de bois dormindo.

O ALTO (O AVÔ) (1)

Dum anteavô tivera na colina
os alicerces, que de avô ganhara
açude, pastos, farinha, chão.

Guardara na cacimba os aguaceiros
e de seu sono sacudira ovelhas,
meninos, maravilhas, plantação.

Multiplicara à mesa concha e mel.
moinhos que teceram do amarelo
de tanta espiga, madrugada e pão.

Em campo arado repartira mudas
que mãos infantis modelaram sob
plântio manso e vespéral de grão.

De terra e de meninos comporia
(na velha bolandeira da tapera)
essa marca de suor numa canção.

RETRATO DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO (2)

O gesto de tirar os óculos, de apoiar a testa na mão
(como para sustar a explosão das idéias e interiorizar-se)

O rito de auto-comiseração (ou zombaria):
apertar os lábios num sorriso seco e horizontal de máscara

O medo do demônio e dos infernos
e nenhuma convivência com um Deus que seja

O pavor e o pudor: onipotência e técnica
de preservar a intimidade dolorosa

A neurose da aspirina, do relógio e do tempo
como se o instante último fosse necessariamente aquele

O desejo do amor, a recusa do amor, o pecado no amor
e a casuística fidelidade ao próprio amor

A missão, a omissão e a ousadia da distância:
angustiada ausência, reprimida presença

O degredo e o segredo: na tortura
pela aspereza da dor invulnerável

A necessidade de confirmar se se "comprende"
o debate, a fluência, a lucidez

A dialética e a disciplina do poeta
e o preconceito atávico da casta

o compromisso ascético com a palavra:
salvação e danação, perdição e deificação.

-
1. In: *NAVEGOS (POESIA REUNIDA, 1953-1978)*
Belo Horizonte, Editora Vega S.A., 1972.
 2. Inédito